

Alimentos sobem 25% em média e pressionam inflação de junho

por Vera Saavedra Durão
do Rio

Os componentes da cesta básica das famílias com renda entre um e cinco salários mínimos — carne, arroz, feijão, batata, açúcar, ovos e frango — serão os vilões da inflação de junho. As projeções de economistas da Secretaria de Planejamento (Seplan) apontam uma variação do grupo alimentação, na taxa do mês, na casa dos 25% acima da média dos preços no período.

Os técnicos oficiais calculam um Índice de Preços ao Consumidor (IPC) medido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre 23 e 23,5%, ante os 9,9% de maio último.

Este salto espetacular da inflação, num período curto, será sustentado em grande parte pela alta da carne, cujos preços explodiram acima dos 100% nos últimos trinta dias, seja através do ágio, seja pela liberação de preços pelo governo.

A adoção de uma nova

ponderação para o cálculo da inflação de junho, pelo IBGE, deverá levar a um recuo da taxa mensal entre 1 e 1,5 ponto percentual, em função da redução do peso do grupo alimentação de 43% na ponderação antiga, para 33% na pesquisa básica de 1987, mas não será suficiente para afastar o perigo de novas altas da comida nos próximos meses, sustentam empresários do setor varejista.

A política oficial de descongelamento brusco dos últimos trinta dias não eliminou, como explicaram os representantes da área privada, os focos de inflação reprimida de alguns alimentícios ainda sob controle oficial, como o óleo de soja e os laticínios. As pressões de produtores e industriais da soja, por exemplo, vão certamente induzir o governo a liberar esses produtos antes do final da coleta da inflação de julho, no próximo dia 15. Só isso evitará crise no abastecimento do óleo. Se essa liberação for feita, os alimentos em julho, também variarão acima da média dos

preços calculados pelo IBGE.

EQUILÍBRIO APARENTE

No próximo mês, a expectativa dos atacadistas e varejistas é de uma certa estabilidade nos preços da carne — em níveis altos em função da entressafra — devido à boa oferta. Esse aparente equilíbrio entre oferta e procura é, na verdade, ocasionado pela queda na demanda devido ao encarecimento do alimento. Seu reflexo no IPC de julho, no entanto, será positivo.

O recuo provável da carne no mês que vem será substituído pela ofensiva do feijão, cujo abastecimento promete dificuldades devido à quebra da safra. O feijão, em julho, terá maior impacto sobre o IPC do que a carne e o arroz, garante um empresário do comércio atacadista. Essa estimativa parece ter fundamento com base no comportamento dos preços no atacado, medidos nos últimos vinte dias pela FGV: os produtos agrícolas subiram mais de 20%, com des-

taque para oleaginosas e leguminosas, além da carne.

A elevação dos preços dos alimentos não se faz acompanhar, neste mês, de aumento do volume de vendas no varejo, principalmente nos supermercados. Mesmo com a ameaça da hiperinflação os negócios do comércio estão dando sinais de desaquecimento. As vendas de junho, dos supermercados, não superaram as de maio, no máximo empataram. Isso sinaliza a inexistência de corrida às compras para estoques de não-perecíveis por temor a uma disparada dos preços, como aconteceu na Argentina. A procura por eletrodomésticos, por exemplo, está enfraquecida desde o começo do mês. O fenômeno é fruto do descongelamento dos preços e do congelamento dos salários, garante empresários supermercadistas, para os quais usar o BTN fiscal para reajustar os preços seria "impraticável" e um incentivo à revolta popular. Um estopim para a hiperinflação.